2ª SEMANA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE DA FAED/ UFMS: INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Local: AGEAD - UFMS
De 21 a 25 de Novembro de 2022

Anais Semana de Educação e Formação Docente da Faed

A INTERFACE ENTRE CULTURA ESCOLAR E CULTURAS INFANTIS SOB A ÓTICA DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Karine Kelly Costa Aquino[1]
Sandra Novais Sousa[2]

Eixo 4 – Práticas educativas, inclusão e formação de professores

Resumo: O artigo tem como objetivo estabelecer relações entre a cultura escolar e as culturas infantis. Os procedimentos metodológicos consistiram em pesquisa bibliográfica, a partir de autores que investigam a infância e suas culturas, sobretudo os teóricos da Sociologia da Infância, como Manoel Sarmento e Willian Corsaro, e análise de narrativas infantis produzidas por crianças do Ensino Fundamental que participaram do "Projeto Brinquedoteca da UFMS" no ano de 2022 Como resultados foi possível compreender a visão das crianças sobre a escola, mais precisamente o ensino fundamental e a influência da cultura escolar como um espaço adultocêntrico, que anula as culturas da infância.

Palavras-chave: Cultura escolar; Culturas infantis; Narrativas.

Introdução

O estudo da história da educação demonstra que, nas últimas décadas, a oferta da educação infantil – e a garantia do direito da criança a ter acesso a ela - vem sendo ampliada e desenvolvida. Políticas públicas e documentos curriculares – a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010) – têm abordado formas de qualificar o início da trajetória escolar das crianças nessa primeira etapa da educação básica, ressaltado a importância da ludicidade (jogos, brincadeiras, brinquedos), e de práticas que incentivam a imaginação e criatividade, tudo pensado minuciosamente para que a criança se sinta confortável e tenha uma boa experiência.

No entanto, apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considerar como crianças quem possui até 12 anos, o que engloba não somente a educação infantil, mas também os anos iniciais e os dois primeiros anos dos anos finais do ensino fundamental, é comum as crianças serem tratadas ao saírem da educação infantil como se fossem adultos em formação, e quanto mais avançam na escolarização menos suas culturas infantis são respeitadas.

Logo ao ingressar no ensino fundamental, a criança passa a ser 'aluno', a rotina muda drasticamente, o que antes era lúdico e brincadeiras se torna "senta no seu lugar e olha para a frente", "não pode conversar", "tem que prestar atenção", "agora não é hora de brincar" e grande é a exigência para essas crianças, que há alguns meses tinham o horário do parque, o dia do brinquedo e se sentavam em roda, passem a se sentar em fileiras e façam silêncio.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender a influência da cultura escolar nas culturas infantis. Para nos aproximarmos desse objetivo,

[1] Acadêmica do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas (Gepenaf).
[2] Doutora em Educação. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas (Gepenaf).

foram utilizados como procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, a fim de embasar teoricamente conceitos como Sociologia da Infância, cultura escolar e narrativas infantis, a partir dos estudos de autores como Sarmento, Corsário, Passeggi e Furlanetto, entre outros; pesquisa documental, tendo como fontes a legislação educacional e documentos curriculares; e produção de narrativas infantis, com o apoio do projeto Brinquedoteca da UFMS, que atende crianças da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental, filhos de acadêmicos ou servidores da universidade. As narrativas aqui analisadas referem-se a falas das crianças, ditas entre si ou à pesquisadora, durante os momentos em que participavam das atividades da Brinquedoteca. As falas foram anotadas em um diário de campo, preservando-se o vocabulário utilizado pelas crianças e mantendo-se o seu anonimato.

Para apresentação dos resultados, o artigo foi organizado em duas seções. Na primeira, busquei conceituar e descrever as culturas que perpassam a escola. Na segunda, analiso a relação entre cultura escolar e culturas infantis em narrativas de crianças.

Cultura escolar e culturas infantis: apontamentos conceituais

Conforme Silva (2006), quando falamos em cultura escolar trazemos ao debate os atores que produzem essa cultura, o que inclui, além de professores e alunos, os gestores, a equipe técnica da escola e as famílias dos alunos atendidos em determinada comunidade. Essa cultura também perpassa os discursos, as formas de falar ou se comunicar (ou, as formas de se conter a fala e a comunicação), os modos de organização da escola (tempos e espaços, formais e informais, em que se dão as relações) e, ainda, as convenções padronizadas de comportamentos (ou como se espera que o aluno, o professor, o diretor ou o responsável pela criança se comporte ou aja naquele ambiente).

Para Viñao Frago (2000, p. 100, *apud* SILVA, 2006, p. 204), a cultura escolar, portanto, refere-se aos "modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados", os quais, em última instância, "servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição [...]"

Em relação às culturas infantis, a sociologia da infância compreende a criança como um ator social, ou seja, capaz de produzir sua própria cultura, e não apenas reproduzir a dos adultos. Para Corsaro (1997), as crianças produzem essas culturas através do meio social e do contexto em que estão inseridas. Com isso, considera-se cultura da infância tudo aquilo que é produzido por esses atores sociais, ou seja, as crianças: o brincar livre, o cuidado, afeto, jogos, brincadeiras, costumes, a imaginação, as relações de trocas, experiências etc.

A influência da cultura escolar nas culturas infantis: análise de narrativas de crianças do ensino fundamental

Quando se decide considerar as crianças como seres sociais, não basta apenas entender, é preciso escutar o que elas têm a dizer, pois "Uma coisa é ouvir os adultos ou jovens que falam sobre a infância e outra bem diferente é dar voz às próprias crianças." (SILVA, 2004, p. 233).

Dessa forma, as narrativas infantis são utilizadas para acessar as vivências e opiniões das crianças sobre o mundo que a rodeia, especialmente no ambiente escolar. Como refere Passeggi, et al. (2014, p. 86), essa abordagem de pesquisa "[...] visa a olhar a infância de modo a levar em conta a alteridade da criança, legitimando-a como ser capaz de refletir ao narrar suas vivências e, por essa via, trazer informações importantes sobre

as escolas da infância e sobre a criança-sujeito."

Com isso, as narrativas se tornam ferramentas úteis em pesquisas com crianças (e não sobre crianças), tendo em vista que, consideramos suas experiências e opiniões importantes.

As narrativas analisadas na presente pesquisa foram produzidas na Brinquedoteca da UFMS, um espaço criado a partir de um projeto de extensão da Faculdade de Educação. As crianças atendidas são filhos/as de servidores/as ou estudantes da UFMS, que devem estar regularmente matriculadas na educação infantil ou ensino fundamental, e frequentam o espaço no contraturno, duas vezes por semana. Ressalta-se que todos os pais assinaram termos de consentimento para uso de imagens e narrativas, para fins de pesquisa.

Na Brinquedoteca, a principal atividade é o brincar, assim, o espaço é todo pensado para jogos, brincadeiras, momentos de leitura etc. Há vários brinquedos, mas a intenção é promover um brincar direcionado, sem deixar a criança refém dos brinquedos, o lúdico e o sensorial lá são estimulados a todo instante e não só com as crianças da educação infantil, mas com todas as crianças. Em diversos momentos, as crianças são estimuladas a conversarem, a um brincar mais intencional, o que proporciona experiências muito diferentes de uma escola, e em vários contextos foi possível ouvir narrativas que mostravam o (des)contentamento das crianças frente a essa cultura escolar adultocêntrica.

Em um dia com brincadeiras e atividades sensoriais, com pintura livre com pincéis feitos com folhas e elementos naturais, a brincadeira e a diversão tomou conta das crianças. Havia tinta no rosto, no corpo, no chão, a atividade se tornou uma grande brincadeira para elas. No momento da finalização da atividade e limpeza dos braços e rostos, Joana[3], que frequenta o terceiro ano do Ensino fundamental, narra espontaneamente: "Queria ir assim, bem suja pra escola, para a professora ver que aqui é legal, a gente brinca com tinta, e lá não pode."

Nessa narrativa curta e direta, podemos problematizar muitas questões, principalmente o fato de que a escola, a partir do momento em que a criança entra no ensino fundamental, deixa de priorizar a criança, como um ser, e passa a priorizar os conteúdos, o estudo, e a postura de aluno, que comumente é sentar-se, quieto, copiar, prestar atenção, não atrapalhar e basicamente só reproduzir.

Nesse momento, brincadeiras sensoriais são apenas para os menores, pois crianças do fundamental são vistas como grandes demais para essas atividades, e como afirma Dias (2015, p. 641) "Nesse processo, a brincadeira, que proporciona à criança as mais variadas significações, gerando diversos tipos de conhecimento, de forma individual e/ou coletiva, é negada ou permitida apenas em determinados momentos."

Nos próprios momentos de troca entre as crianças, é possível ver essas narrativas de descontentamento, como no seguinte diálogo entre Laís, do 5º ano, e Isabela, do 2º ano do ensino fundamental:

(Laís) - *Eu passo o dia todo na escola, e lá a gente só fica fazendo tarefas, não pode fazer nada que a gente quer e eles só proíbem a gente, quando vamos fazer alguma coisa diferente é sempre o que eles querem e com várias regras.*

(Isabela) - *Eu não gosto da escola, vou lá só pra me estressar, eu até tento ficar em casa mas a minha mãe disse que eu preciso aprender, mais na escola eu só fico nervosa porque não pode fazer nada, até tenho alguns amigos só que não posso nem conversar com eles que a professora já vem brigar comigo.*

[3] Nome fictício, para preservar a identidade da criança.

Para Palos (2018), o contexto escolar faz com que a criança sempre se sinta coagida, pois esse ambiente exige que ela não só domine os conhecimentos e competências cognitivas, mas também domine as competências comportamentais que as tornam "bons alunos".

Em outra dia, na Brinquedoteca, estava presente só uma criança, Gabriel, um menino de 9 anos que frequenta o 4° ano. Em um momento de brincadeiras e conversas, foi introduzido o tema da escola e ele produziu as seguintes narrativas: "*Minha escola é muito cara, lá eu não posso brincar*", "*A minha mãe paga caro na escola para eu ter bons estudos, e por isso que eu gosto da brinquedoteca, porque aqui eu posso brincar*". Neste momento em específico, ele comentava que gostava de conversar, mas que na escola os professores brigavam com ele. "*Teve um dia que eu tava apontando o meu lápis e ai o meu professor já brigou comigo, mandando eu sentar lá na frente, mas a sala inteira tava conversando e eu só fui apontar meu lápis, falei 'um A' e ele já me mandou ir pra frente*" (Gabriel, 2022).

O tom de voz utilizado pelo Gabriel para narrar esse acontecimento foi extremamente importante para realizar essa análise, pois dava para perceber pela voz dele o quanto aquilo o chateou, e a questão é justamente levar em consideração as opiniões das crianças para aprimorar a carreira docente. Os professores, muitas vezes, se deixam levar pelo momento e reproduzem exatamente aquele comportamento tradicional que é tão questionado. E através dessas narrativas é possível estabelecer relações sobre como a cultura escolar vai de encontro às culturas da infância, elas são opostas, mas elas se relacionam em todo os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Considerações Finais

O estudo possibilitou compreender que as crianças são plenamente capazes de falar sobre o que vivenciam e como se sentem, bem como de construir sentidos próprios às suas experiências, afinal, são elas que frequentam os espaços da escola que, de acordo com os documentos oficiais, é pensada para a infância.

Ao compreender a criança como um ser produtor de cultura, e não apenas como reprodutor, é possível relacionar sua produção cultural com seu processo de escolarização, pois:

> A cultura que caracteriza as instituições escolares se projeta para fora delas, dialogando com outras instituições sociais como a família [...] assim, a cultura escolar é entendida a partir das interações que se estabelecem no interior da escola: entre os alunos, entre os professores e entre os alunos e os professores. (NEVES, 2017, p. 348).

Embora as culturas infantis sejam mais estudadas no âmbito educacional, para Quinteiro (2002, p. 35), "Pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se pergunta e se ouve às crianças". É possível perceber, portanto, que as narrativas infantis auxiliam a compreender que as culturas infantis perpassam as culturas escolares, pois a criança tem direito garantido à escolarização, e a escola precisa desses sujeitos para existir. Logo, a cultura escolar e as culturas infantis se relacionam e interferem uma na outra continuamente.

Referências

CORSARO, William. **The sociology of childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge, 1997.

DIAS, Edilamar Borges; CAMPOS, Rosânia. Sob o olhar das crianças: o processo de

transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 244, p. 635-649, 2015.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida et al. Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 1, p. 345-369, 2017.

PALOS, Ana Cristina. Desafios da investigação com crianças na formação de professores: contributos da sociologia da infância. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e182055, p. 1-15, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação,** v. *39, n.* 1, p. 85–104, 2014.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em formação. *In:* FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P.; [orgs] **Por uma cultura da Infância: Metodologia de pesquisa com crianças.** [*S. l*], 2002.

SARMENTO, Manuel. Visibilidade social e estudo da infância. *In:* VASCONCELLOS, V.; SARMENTO, M. **Infância (in)visível.** Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 25-49.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**, n. 28, p. 201-216, 2006.